

## A UNIVERSIDADE EM MOVIMENTO: COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO E SAÚDE

Gustavo Nunes de Oliveira<sup>1</sup>

Eduardo Pinto e Silva<sup>2</sup>

Em nosso tempo tem sido dada atenção à produção acadêmica, sobretudo aos seus produtos finalizados no formato de artigos científicos, como suporte exemplar de comunicação em ciências e índice de sua contrapartida social. O processo histórico de expansão da pós-graduação no país e da difusão do conhecimento científico, porém, é contraditório. Se há aspectos positivos, também gerou o que se convencionou denominar “produtivismo acadêmico” e uma hegemonia das ciências aplicadas e da comercialização de resultados de pesquisas, em detrimento da função social e emancipadora da universidade. Tais contradições se reconfiguraram no contexto da pandemia.

No contexto da pandemia de 2020/21, ganharam destaque os resultados de pesquisas, sobretudo em áreas relacionadas à compreensão do coronavírus, às vacinas e medicamentos. Todavia, os impactos desse contexto de crise são expressos não apenas em certo destaque à uma noção geral de ciência, muitas vezes colocada como arma contra a obscuridade, como também em certa invisibilidade dos processos de produção da vida acadêmica e os impactos sofridos nestes em função da pandemia. Ademais, houve também uma avalanche de informações, sob o dourar da cientificidade, nas redes sociais, caracterizando processo que a Organização Mundial de Saúde denominou de “infodemia”. Diante dessas contradições, mobilizou-se a resistência e ações práticas de muitos atores acadêmicos, tão bem exemplificadas nos artigos que compõem o presente dossiê.

A configuração do modelo ocidental de universidade, articulando ensino e pesquisa, e constituído no princípio da autonomia universitária, como forma de garantir a liberdade de pensamento frente às restrições teológicas e políticas da época de Humboldt, foi condição para a liberação de forças sociais produtivas para os sucessivos saltos tecnológicos que vivenciamos nos séculos XIX e XX. No entanto, como adverte Chauí, a relação de autonomia Universidade-Estado não pode ser tomada como relação de exterioridade, pois essa só é possível em um Estado republicano e democrático. O que está suficientemente demonstrado no caso das universidades brasileiras, as quais historicamente formaram as elites econômicas do país. E se nas universidades já vinha se criando a hegemonia da ciência matéria-prima, comercializável, no contexto atual, do Estado de ditadura constitucional militarizada, se revela uma faceta política repugnante, ultraconservadora, na qual sofremos processos inauditos de intervenção e ingerência inaceitáveis na direção, financiamento e processos democráticos dos colegiados e eleições das universidades públicas federais e estaduais.

1 Professor do Departamento de Medicina – Universidade Federal de São Carlos. Coordenador do projeto Comunicação Social no Contexto da Covid-19. Médico de Família, Doutorado em Saúde Coletiva. Áreas de Atuação: Medicina; Saúde Coletiva; Humanização em Saúde; Redes Sociais e Saúde; Comunicação em Saúde; Medicina Antroposófica.

2 Professor do Departamento de Educação – Universidade Federal de São Carlos.

Longe de ser algo dado, o papel social da universidade pública brasileira está em disputa, em função de seu papel estratégico no desenvolvimento econômico e social. Os avanços das últimas décadas em termos de acesso à educação superior no Brasil, mesmo que ainda não suficientes para equacionar as desigualdades históricas, vêm impactando as formas de fazer ensino, pesquisa e extensão universitária. A inclusão de pretos e pretas, trabalhadores e trabalhadoras, pobres e povos originários do Brasil nas universidades públicas, onde antes o acesso era praticamente circunscrito aos brancos e ricos, ainda que de forma lenta e pouco sustentada, tem mostrado seus impactos na vida das comunidades acadêmicas e na produção das universidades públicas, sobretudo nos processos de produção de subjetividades, na importância da valorização da diversidade cultural, étnico-racial e de gênero e na importância das políticas de apoio à permanência estudantil. E é em prol destes avanços e do enfrentamento crítico e científico da infodemia e das tendências hegemônicas dos descaminhos da universidade pública mercantilizada, que muitos professores, intelectuais e acadêmicos se insurgem.

No ano de 2020, com a chegada da Pandemia da COVID-19, a vida universitária passou a ser produzida em meios virtuais, mediada por tecnologias da informação. Na Universidade Federal de São Carlos enfrentamos a pandemia, a mudança para o “trabalho remoto” e uma mudança de reitoria da universidade, sob ameaças de intervenção do governo federal. Sem dúvida, a vida acadêmica ficou mais difícil. A vulnerabilidade econômica de boa parte da comunidade universitária, em especial de estudantes dependentes de apoio das políticas de permanência estudantil, ampliou-se e agravou-se de modo inédito.

Diante de tantos desafios, diversos sujeitos, coletivos e projetos se articularam no enfrentamento da crise sanitária, humanitária, econômica, política e social que se instalara em 2020. A morte, o luto, a revolta e o medo, atuaram nesse último ano de forma implacável. No entanto, com a mesma intensidade a solidariedade, a determinação, a criatividade e a cooperação estiveram presentes em diversos espaços de produção de vida, cuidado e proteção que se constituíram a partir de atividades de extensão, articuladas a pesquisas e ensino de graduação e pós-graduação.

Diversos projetos surgiram nesse período. Entre eles o InformaSUS-UFSCar, uma plataforma *online* que se organizou como um dispositivo de rede do projeto de extensão universitária “Comunicação Social no Contexto da Covid-19”.

Ainda em 2020, o InformaSUS-UFSCar se tornou o maior projeto em *web* da UFSCar e uma organização em rede que conecta coletivos através da internet e redes sociais, tendo como eixo central de ativação a comunicação social e científica em saúde, educação e políticas públicas.

Essa rede conecta grupos temáticos para facilitar a produção e a difusão de informações para diversos públicos, de forma multilateral, propiciando a sustentação de um plano de comunicação social no contexto da COVID-19. Os projetos articulados envolvem universidades públicas em todas as regiões do Brasil, constituindo-se cada vez mais em uma comunidade ampliada de produção de conhecimento e qualificação do papel social e público das universidades envolvidas.

Este número da Revista Cadernos de Pedagogia foi proposto em parceria com o InformaSUS-UFSCar com o objetivo de dar visibilidade às inovações que têm sido empreendidas no contexto acadêmico, as quais, em face da pandemia, colocam em análise o papel da universidade na sociedade. Desestabilizando os papéis

---

instituídos a partir do exercício do protagonismo dos sujeitos envolvidos. Os textos reunidos, em sua maioria relatos de experiência, são testemunho documental dessas inovações. Revelam novas e promissoras formas de articulação de comunidades ampliadas de ensino e pesquisa. Atualizam o papel de engajamento social da universidade no sentido da produção de conhecimento aberta e participativa, também no enfrentamento concreto de crises complexas como a que estamos enfrentando. Tal engajamento se amplia e cria laços interinstitucionais potentes, que articulam uma multiplicidade de saberes epistêmicos distintos, rizomáticos, desejanter e disruptivos, de modo a mobilizar o coletivo, em oposição ao individualismo encarcerado em si mesmo, que tanto se fez presente na reconfiguração das práticas universitárias sob a égide dos interesses privados e da concentração da riqueza, desde a Reforma do Estado e processos de flexibilização e desregulamentação.

Agradecemos imensamente à Revista Cadernos da Pedagogia pelo espaço e parceria!

Agradecemos aos autores e autoras, parceiros e parceiras do InformaSUS-UFSCar que contribuíram com essa produção.

Gustavo Nunes de Oliveira – Docente do Departamento de Medicina da UFSCar

Eduardo Pinto e Silva – Docente do Departamento de Educação da UFSCar

Organizadores